COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE *

INFORMAÇÃO

TIMOR-LESTE

PERIODICIDADE MENSAL | PREÇO AVULSO: 50$00 | ANO VII | Nº 60 JANEIRO 1991

Uma frágil atenção internacional atraída por uma nova dinâmica interna

Mil novecentos e noventa viu confirmarem-se, na questão de Timor-Leste, algumas tendências que se vinham a esboçar nos últimos anos, nomeadamente o crescente papel desempenhado pela juventude na resistência ao regime colonial indonésio.

Esta oposição provocou da parte do ocupante uma campanha de intimidação e morte, na tentativa - que se tem verificado vã - de a asfixiar.

Mas 1990 viu, também, aparecerem os sintomas de que a opinião pública mundial começa a olhar o problema com outros olhos.

A CONFIRMAÇÃO DE UMA NOVA DINÂMICA

Tirando partido da parcial e controlada «abertura» do território, proclamada por Jacarta em Janeiro de 1989, a juventude timorense - e muito particularmente a estudantil - «invadiu» a praça pública, desafiando as autoridades de ocupação e mostrando que a política destas de conquista "das mentes e dos corações" da geração pós-invasão falhara completamente.

O papel fundamental que a «frente urbana» tem vindo a desempenhar na resistência ao colonialismo indonésio não significou, porém, uma perda de importância da Resistência armada, mas antes que estas duas componentes se articularam de um modo novo, na procura de uma melhor resposta às condições em que a luta agora se desenrola.

Várias foram as manifestações que os jovens tomaram a iniciativa de promover: a que ocorreu aquando da visita do Embaixador norte-americano em Janeiro; a do aniversário da integração na República da Indonésia em 18 de Julho (o aniversário é a 17 mas os jovens escolheram o dia seguinte, na intenção de apanharem as autoridades desprevenidas); a da comemoração das bodas de oiro da Diocese de Dili, onde alguns milhares de timorenses se solidarizaram com a sua juventude; as de Outubro, a partir das quais a tensão em Dili atingiu um ponto extremo, testemunhado por fontes diplomáticas acreditadas em Jacarta e já aqui referidas na nossa edição anterior.

Com estas iniciativas, os jovens timorenses contribuíram decididamente para chamar a atenção do mundo para a situação vivida na sua Pátria.

UMA FRÁGIL, MAS SIGNIFICATIVA, ATENÇÃO

Órgãos como o **New York Times** e o **Le Monde**, entre outros, romperam o silêncio a que tinham votado a questão abrindo-lhe as suas páginas. A imprensa australiana, como o **The Age** e o **Sydney Morning Herald**, reproduziram largos excertos da entrevista concedida pelo Comandante Xanana Gusmão a Robert Domm, por si só um xeque-mate à arrogância dos militares indonésios. E, de uma forma aberta ou velada, transmitiram a quem os leu que o problema, afinal, ainda não estava resolvido, que a Indonésia ainda não tinha conseguido «conquistar» o povo timorense, embora ocupe o seu território há quinze anos.

Mas esta atenção não se resumiu à imprensa mundial, embora ela seja o seu elo mais visível. Só nos dois últimos meses do ano verificaram-se três significativas tomadas de posição: da Comunidade Europeia, em Novembro, na A.G. das Nações Unidas, que pela voz do Embaixador italiano (a Itália era na altura o presidente da C.E.), produziu uma declaração considerada por meios diplomáticos "**mais forte do que a de anos anteriores**"; a do Comité dos Direitos Humanos da Internacional Socialista, reunida em Lisboa em Dezembro; a do Comité Executivo da Confederação Internacional dos Sindicatos Livres, organismo de que faz parte a UGT, que reuniu em Dezembro em Tóquio.

Xanana Gusmão, Mau Huno e Mau Hodu: no comando da luta

NESTE NÚMERO:

- **Uma frágil atenção internacional**
- **CDPM leva exposição às escolas**
- **Luar de Janeiro**
- **Centro Cultural Timorense em Macau**

IDENTIDADE NACIONAL VERSUS DESAGREGAÇÃO SOCIAL

Os acontecimentos ocorridos em 4 de Setembro no final da missa assinalando o 50º aniversário da Diocese de Dili — e à qual esteve presente o Núncio Apostólico acreditado em Jacarta, Mons. Canalini, favorável à integração — foram uma imponente demonstração de repúdio pela presença indonésia, em que participaram muitos milhares de timorenses, num sinal de força, unidade e determinação.

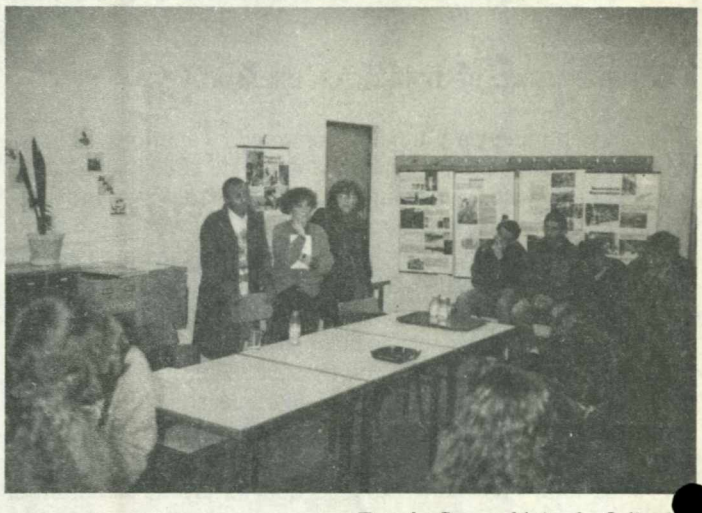
Esta dinâmica é tanto mais importante quanto o regime de Jacarta joga na divisão dos timorenses, recrutando elementos entre os camponeses pobres do interior, trazendo-os para a cidade com dinheiro e promessas de melhor vida e integrando-os nos grupos de choque que há noite «varrem» as ruas à caça dos «subversivos».

Esta questão é tanto mais importante quanto, segundo alguns observadores ocidentais recém-chegadas de Dili, avolumam-se no horizonte factores acelerantes de desagregação da já profundamente abalada estrutura social timorense. A ameaça de uma próxima exploração petrolífera indonésio-australiana, com a miragem de riqueza que traz consigo, tem atraído a Dili muitos «empresários» — indonésios e australianos, mas não só, com ou sem capital — ávidos de montar o seu «negócio», de participar na «prosperidade geral», exilando ainda mais os timorenses na sua Pátria.

ABRIR AS PORTAS AO MUNDO

A iniciativa dos jovens em Timor-Leste exerce igualmente influência na evolução que tem vindo a desenhar-se no seio da Comunidade na diáspora. O debate político que atravessa os círculos timorenses — que não se fecha em torno da reestruturação da Fretilin ou da crise da UDT mas abre para a concepção global da luta —, a preocupação em marcar uma presença activa identificadora na sociedade de exílio — ocupação dos consulados indonésios na Austrália, em Janeiro, em sinal de protesto contra a brutalidade policial-militar sobre os seus irmãos em Dili aquando da visita do Embaixador norte-americano; manifestação do 7 de Dezembro em Lisboa —, o interesse em conhecer outras experiências de luta de libertação e de as abordar com os seus intervenientes — sessão de convívio/debate com membros da FPLE (Frente Popular de Libertação da Eritreia) organizada na Austrália — são exemplos desta evolução. □

CDPM leva exposição às escolas



Escola Secundária de Odivelas

Desde o passado mês de Dezembro está a ser apresentado em escolas secundárias de todo o país o trabalho TIMOR-LESTE - Exposição Itinerante.

Trata-se de um conjunto de 19 painéis plastificados, mostrando grande quantidade de fotografias enquadradas por texto, abrangendo todos os aspectos considerados básicos para a compreensão da realidade timorense, ainda que de forma muito sucinta.

Os temas tratados são os seguintes: «Território», «Cultura», «História», «Ocupação e Genocídio», «Resistência Nacionalista», «Papel da Igreja», «Acção Diplomática» e «Solidariedade».

Esta iniciativa da CDPM foi anunciada em Outubro, por carta dirigida a cerca de mil estabelecimentos de ensino. Com mais de 60 respostas recebidas, optou-se por duplicar a exposição, sendo que, mesmo assim, várias escolas tiveram que ser remetidas para o próximo ano lectivo.

O balanço até agora é bastante positivo.

Muitos professores têm dado excelente enquadramento à exposição, orientando a partir dela trabalhos escolares sobre Timor-Leste. A maioria delas solicitou a presença de elementos da CDPM e de timorenses para a realização de sessões informativas, o que tem vindo a acontecer sempre que possível. Foi o caso da Escola Secundária de Odivelas, onde mais de 100 alunos e professores participaram num animado debate que contou com o calor de um de um refugiado tiomorense.

Até ao fim deste ano lectivo e já com «anotações na agenda» para o próximo, a exposição TIMOR-LESTE vai andar na estrada a percorrer as escolas de Portugal. □

Luar de Janeiro

Aqueles que, ao longo dos últimos anos, têm vindo a alertar a opinião pública nacional para a ausência, por parte do Estado português, de uma política coerente com os objectivos publicamente expressos para a questão de Timor-Leste, devem ter acompanhado, com redobrada preocupação, os recentes acontecimentos mundiais.

Na verdade, a ocupação do Kuwait pelo Iraque, com o seu cortejo de declarações e profissões de fé por parte dos responsáveis políticos deste mundo, e a atitude das autoridades de Lisboa perante os mesmos, apenas poderá ter-lhes confirmado os receios.

Em conferência de imprensa, dada poucos dias depois do início do conflito, o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Dr. Marcello Mathias, foi questionado por um jornalista sobre quais seriam as expectativas do governo português quanto a **"previsíveis alterações diplomáticas relativamente a Timor-Leste"** (**Público**, 18/1/91), depois de um empenhamento tão grande no cumprimento das resoluções da ONU e uma defesa tão enérgica do direito internacional na questão do Golfo.

Aquele funcionário do MNE, porém, reagiu prudentemente — ainda segundo aquele órgão de informação — limitando-se a responder que aquela era **"uma pergunta vastissima que exigiria uma [illegible]stissima resposta"** e que não se sentia **"habilitado a dá-la."**.

É verdade que Portugal está neste momento empenhado na negociação do Acordo das Lajes com a Administração norte-americana.

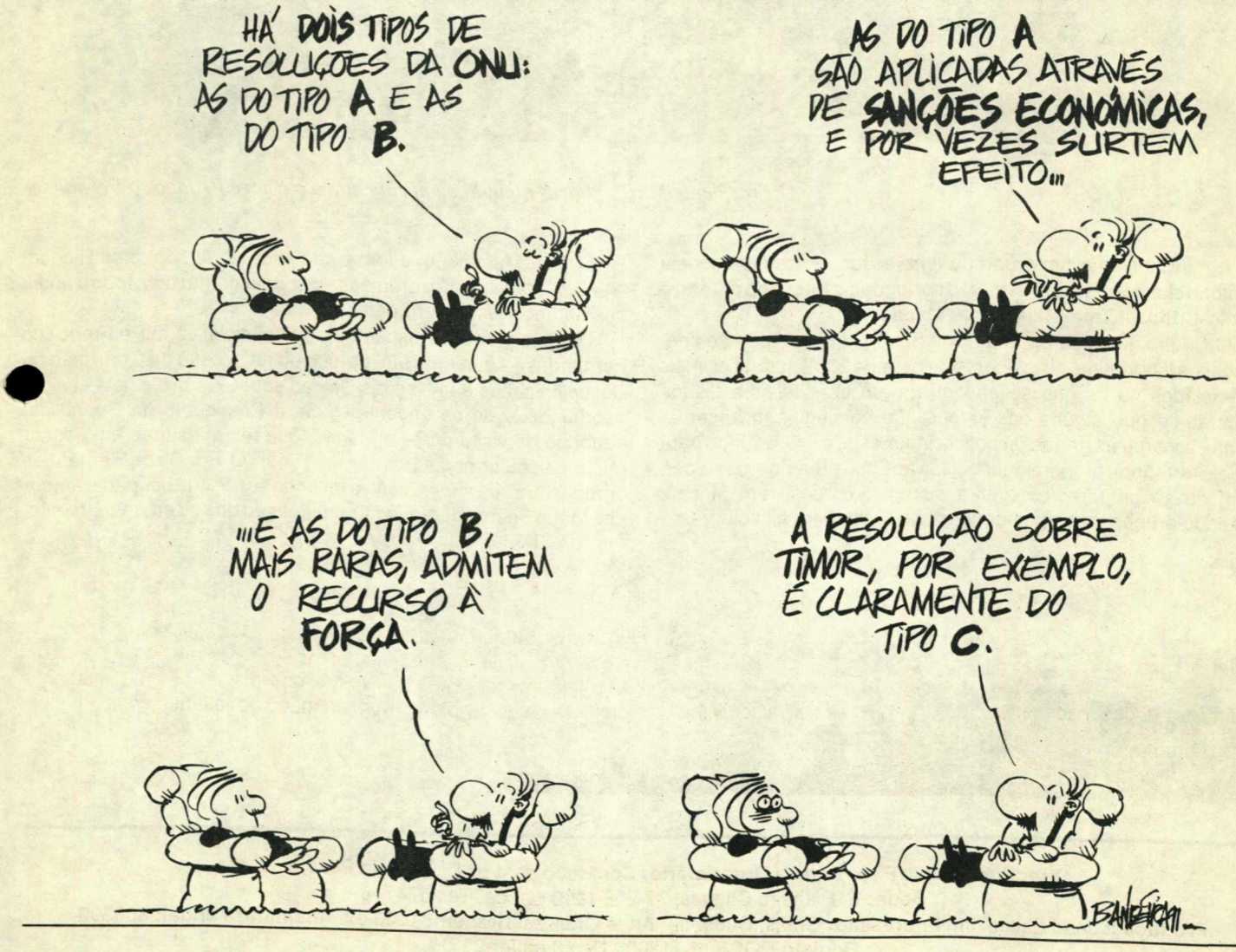
É verdade que, logo após a invasão do Kuwait, o presidente dos EUA declarou, perante as câmaras de televisão, que **"a aquisição de um território pela força é inaceitável"**.

É verdade que o Estado português tornou disponíveis recursos — por mais modestos e por mais limitado que fosse o seu âmbito — a algumas das potências envolvidas na força multinacional, uma das quais, o Reino Unido, grande fornecedora de armas à Indonésia e grande opositora aos esforços da diplomacia portuguesa de empenhar a Comunidade Europeia na questão de Timor-Leste.

É verdade que, enquanto as autoridades de Londres acertavam pormenores quanto à colaboração lusa no abastecimento das suas tropas estacionadas na zona do conflito, o Foreign Office difundia pelas chancelarias um documento alertando contra os paralelismos abusivos que se pretendiam estabelecer entre os acontecimentos ocorridos em Timor-Leste e no Kuwait.

Será que as autoridades portuguesas não têm, mesmo, nenhuns trunfos, de cuja falta tanto se queixam, para utilizar a favor das suas posições na questão de Timor-Leste? □

Cravo & Ferradura


HÁ DOIS TIPOS DE RESOLUÇÕES DA ONU: AS DO TIPO A E AS DO TIPO B.
AS DO TIPO A SÃO APLICADAS ATRAVÉS DE SANÇÕES ECONÓMICAS, E POR VEZES SURTEM EFEITO...
...E AS DO TIPO B, MAIS RARAS, ADMITEM O RECURSO À FORÇA.
A RESOLUÇÃO SOBRE TIMOR, POR EXEMPLO, É CLARAMENTE DO TIPO C.
BANDEIRA

Diário de Notícias, 19/01/91

Criado Centro Cultural timorense em Macau

O Presidente Mário Soares quando cumprimentava o Padre Francisco Fernandes

Por iniciativa de um grupo de timorenses radicados naquele território chinês sob administração portuguesa, foi criado o **Centro Socio-Cultural Tata-Mai-Lau de Macau.**

O Centro, lançado em 5 de Setembro último, propõe-se congregar os timorenses ali residentes (cerca de 200), assistir os mais carenciados ou os que se encontram em trânsito para Lisboa (recorde-se que alguns dos jovens que conseguiram, recentemente, escapar às garras da polícia indonésia, o fizeram indo para aquele território), proporcionar bolsas aos que pretendam estudar, além de se propor promover a cultura timorense em Macau, trazendo grupos da comunidade na Austrália para ali actuarem.

O Tata-Mai-Lau, que tem a sua sede na Av. Almeida Ribeiro, nº1-Q, 2º, recebeu já a promessa de poder contar com todo o apoio das autoridades do território.

Um dos grandes animadores desta iniciativa, o Pe.Francisco Fernandes — que em 1986 participou na sessão da Comissão de Descolonização das Nações Unidas sobre Timor-Leste — teve oportunidade de se encontrar com o Presidente da República, aquando da visita deste a Macau, que fez questão em o saudar muito particularmente por ser de Timor. O Pe. Chico Fernandes agradeceu a sua intervenção a favor da sua Pátria ocupada, tendo-lhe Mário Soares garantido a continuação do seu empenhamento.

Director: António Pinto Pereira **Proprietário:** Comissão para os Direitos do Povo Maubere
Sede: R. Pinheiro Chagas, 77-2ºE-1000 Lisboa, Tel: 574718
Produção: João Escadinha **Impressão:** Grafis, Coop. de Artes Gráficas **Tiragem:** 1000 ex. **Assinatura anual:** 600$00
Registo DGCS nº 112094 Dep. Leg. nº 25317